

## **EPISTEMOLOGIAS INSURGENTES E AUTORIAS INDÍGENAS: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA OBRA “IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO” DE AILTON KRENAK**

### **INSURGENT EPISTEMOLOGIES AND INDIGENOUS AUTHORSHIP: AN ANALYSIS OF SOCIO-ENVIRONMENTAL RELATIONS IN AILTON KRENAK'S "IDEAS TO POSTPONE THE END OF THE WORLD"**

**Ayrton Matheus da Silva NASCIMENTO**

ayrtonmatheus2015@hotmail.com

Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Juazeiro, BA

<http://lattes.cnpq.br/7483940669220297>

**Carlos Alberto Batista dos SANTOS**

cabsantos@uneb.br

Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Recife, PE

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB, Juazeiro, BA

<http://lattes.cnpq.br/0024544164324027>

#### **RESUMO**

Na contemporaneidade, temos assistido ao surgimento de inúmeros autores indígenas cujos trabalhos e produções literárias e acadêmico-científicas buscam, essencialmente, denunciar as relações conflituosas entre o mundo natural e as sociedades humanas, especialmente a moderna, sob a perspectiva capitalista globalizada e ocidentalizada. Nesse cenário, destacam-se os trabalhos do escritor e indígena brasileiro Ailton Krenak, importante pensador e liderança política. Dessa forma, o presente trabalho propõe-se a analisar a posição do sujeito indígena em relação às semantizações dos tempos históricos, tendo como base a obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Filiado à teoria materialista do discurso, destacamos as representações ideológicas no pensamento do autor, que denunciam as relações contraditórias entre essa perspectiva moderna de humanidade, desassociada do mundo natural, e as consequências dessa ruptura, que resultam em degradação e expropriação da terra. Essa relação conflituosa também é responsável por colocar em risco a espécie humana, comprometendo a ecologia dos ecossistemas, a existência dos próprios recursos e das demais espécies. A perspectiva indígena, em sua constituição e manifestação histórica, é ressaltada como uma possibilidade alternativa para adiar o fim catastrófico do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Modernidade; Povos indígenas; Meio ambiente; Ecologia.

#### **ABSTRACT**

In contemporary times, we have witnessed the emergence of numerous indigenous authors whose literary, academic, and scientific works essentially seek to denounce the conflicting relationships between the natural world and human societies, especially modern, globalized, and Westernized capitalist society. In this scenario, the works of Brazilian writer and indigenous leader Ailton Krenak stand out as those of an important thinker and political leader. Thus, this study aims to analyze the position of the indigenous subject in relation to the semanticization of historical times, based on





Ailton Krenak's work *Ideias para adiar o fim do mundo* (Ideas to Postpone the End of the World). Affiliated with the materialist theory of discourse, we highlight the ideological representations in the author's thought, which denounce the contradictory relations between this modern perspective of humanity, disassociated from the natural world, and the consequences of this rupture, resulting in degradation and expropriation of land. This conflicting relationship is also responsible for endangering the human species, compromising the ecology of ecosystems, and the existence of resources themselves and other species. The indigenous perspective, in its constitution and historical manifestation, is highlighted as an alternative possibility to postpone the catastrophic end of the world.

**KEYWORDS:** Literature; Modernity; Indigenous Peoples; Environment; Ecology.

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos discursivos, como propostos por Michel Pêcheux (Gadet, Hak e Mariani, 2014) e Eni Orlandi (2012), embora inicialmente tenham centrado esforços na compreensão do discurso político, das propagandas, do discurso histórico etc., têm permitido aos investigadores dessa filiação teórica a aproximação com distintos materiais de análise, além de produzir inúmeros contributos do ponto de vista teórico para importantes noções, como leitura e autoria (Orlandi, 2008; 2017), abrangendo também os trabalhos literários (Gama-Khalil, 2022).

Desse modo, ao tomarmos a literatura como objeto de análise, podemos inferir importantes considerações no que diz respeito aos aspectos linguísticos e estilísticos que implicam na produção dos efeitos de sentido, bem como às condições em que esses sentidos se produzem, capazes de perscrutar a exterioridade e a historicidade que constituem os seus dizeres, a partir de seus aspectos sociais, históricos e ideológicos (Fernandes, 2007).

Com isso, partimos do pressuposto de que o discurso literário, constitutivo do discurso artístico, funciona como representação da sociedade em suas constantes permanências e transformações, interpelando constantemente o sujeito leitor na constituição de sua forma histórica (Rosa, 2010). Assim sendo, na literatura, podemos interrogar os sentidos produzidos a fim de compreender se estes operam na dialética para a transformação, manutenção ou reprodução das relações produtivas na sociedade (Rosa, 2010).





Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consiste em analisar os efeitos de sentido em torno das relações socioambientais a partir da posição do sujeito indígena em relação às suas leituras dos tempos históricos, baseando-se na obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak.

Ailton Krenak é um autor, intelectual e ativista indígena brasileiro (Krenak, 2020). Seu pensamento nos permite construir importantes contornos e releituras acerca dos efeitos da modernidade, fruto dos processos históricos da cultura europeia, responsável por erigir um pensamento universalista globalizado, pós-metafísico, racional, autorreferencial e autossuficiente, que busca apagar as marcas do colonialismo sobre os sujeitos minorizados, opondo-se à ancestralidade e à diversidade de cosmovisões possíveis, capazes de constituir outras formas de percepção de si e do mundo social (Danner, Danner e Dorrico, 2019).

Em termos acadêmicos, os trabalhos voltados às obras de Ailton Krenak têm impulsionado importantes estudos, que abrangem desde os aspectos argumentativos e didáticos no pensamento do autor (Horst, 2023) até seu papel social enquanto corpo e autor indígena em suas relações comunitárias (Reis, 2024), além de discussões relacionadas ao campo jurídico, ao direito e aos efeitos dessas literaturas indígenas (Guimarães, 2021). As percepções do autor sobre aspectos ambientais sob os efeitos coloniais (Ortega, 2020; Fontes; Paula, 2021), as formas de percepção e os sonhos em relação às experiências históricas (Rodrigues, 2020) e suas contribuições para a educação a partir da ancestralidade (Reis, 2023), bem como a maneira como suas literaturas denunciam e reinterpretam períodos históricos (Danner; Dorrico; Danner, 2018), configurando um campo ainda em aberto no que diz respeito à compreensão de elementos naturais e conflitos socioambientais.

Essa pluralidade de incursões analíticas evidencia seu potencial teórico-analítico para produzir releituras e resistências histórico-sociais, capazes de desafiar os efeitos do colonialismo e permitir que os estudos históricos avancem em suas formas de compreender a experiência dos sujeitos subalternizados, bem como ampliar e descolonizar as autorias, as narrativas e as práticas epistêmicas, considerando os significantes e os demarcadores racializados e ancestrais.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS





No percurso metodológico de construção deste trabalho, marcamos nossa articulação com o dispositivo teórico-analítico da Análise Materialista do Discurso (AD), formulada pelo filósofo francês Michel Pêcheux a partir das décadas de 1960-1970 e desenvolvida pela linguista brasileira Eni Orlandi. Trata-se de uma ciência de entremeio, ao mobilizar e propor questões aos campos da História, da Linguística e da Psicanálise, abordando a não transparência da linguagem, as contradições da história e a desestabilização da ilusão de controle do sujeito sobre o que ele diz (Ferreira, 2010; Orlandi, 2012; Henry, 2014).

Essa abordagem nos permite elaborar questões a partir do discurso como efeito de sentidos entre locutores, envolvendo a língua, o funcionamento discursivo, a história, os sujeitos e a ideologia na construção e na produção dos sentidos (Pêcheux, 2015). Com isso, podemos analisar a materialidade que constitui nossos objetos investigados – neste caso, a obra literária – a fim de compreender os mecanismos que produzem determinados sentidos em detrimento de outros, bem como a maneira como o texto se articula ao seu exterior a partir das condições de produção, configurando-se como um ponto de agitação nas filiações sócio-histórico-ideológicas (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2008).

A obra investigada e analisada, em sua constituição e enquanto trabalho de arquivo – isto é, o conjunto de elementos que nos permitem conhecer (2020) um determinado tema – resulta da adaptação de palestras e entrevistas realizadas em Portugal entre os anos de 2017 e 2019. Esses conteúdos foram reunidos pelo trabalho editorial e autoral sob o signifiante da leitura dos tempos atuais a partir da perspectiva indígena, sendo publicados na segunda edição pela editora brasileira Companhia das Letras, no ano de 2020. Além disso, a obra integra uma série de outros trabalhos do autor na mesma linha, como “O amanhã não está à venda” (2019), “A vida não é útil” (2020) e “Futuro ancestral” (2024), entre outros.

Nosso *corpus* de análise – ou seja, o conjunto das formulações produzidas a partir da confrontação e interpretação entre nosso gesto de leitura e o arquivo (Orlandi, 2007) – foi reunido e agrupado conforme nossa problemática de investigação. O objetivo é compreender e analisar as relações socioambientais a partir da tomada de posição do sujeito indígena. Para isso, organizamos





a análise em quatro sequências, permitindo-nos compreender a estrutura e o funcionamento do material investigado em suas relações com a história.

### 3 DISCUSSÃO

#### 1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As epistemologias insurgentes referem-se à construção do conhecimento que desafia as estruturas de poder e as formas de dominação advindas do movimento colonial, responsáveis por estruturar as opressões sociais (Santos, 2009; Walsh, 2016; 2017). Nesse contexto, tais epistemologias desestabilizam e proporcionam perspectivas alternativas sobre a história e a experiência dos sujeitos subalternizados e minorizados, fornecendo-lhes importantes elementos para reivindicar a legitimidade de suas vozes, saberes, mundividências etc., (Wallerstein, 1999; Rigal, 2000; Quijano, 2009). Assim, convocam a necessidade do reconhecimento da pluralidade dos saberes e das comunidades, em contraponto às perspectivas tradicionais, a exemplo dos povos e comunidades tradicionais, de terreiro, indígenas, afro-diaspóricos etc., tendo como principal lócus epistemológico o Sul Global (Santos, 2009; Oliveira, Nascimento e Hetkowski, 2023).

Nesse contexto, a obra de Ailton Krenak analisada consiste em um conjunto de palestras proferidas entre os anos de 2017 e 2020, organizadas em torno das provocações do autor sobre o direcionamento catastrófico e apocalíptico ao qual as relações humanas modernas, em relação ao uso desenfreado dos recursos naturais, têm nos conduzido. Dessa maneira, o autor produz uma crítica contundente a essa perspectiva antropocêntrica, responsável por objetificar a natureza, resultando em um questionamento da modernidade e dos desencontros entre a sociedade humana contemporânea e seus vínculos com o meio natural. Além de representar a perspectiva e a cosmovisão indígena como uma possibilidade alternativa à visão utilitarista dominante — a exemplo dos Krenak, que se percebem como integrantes à natureza e capazes de estabelecer relações e vínculos parentais com os elementos naturais —, a obra nos direciona a repensar a necessidade de





uma urgente mudança nessas lógicas de consumo, para fugirmos do colapso sociometabólico e ambiental.

Autoria, nesse caso, refere-se a uma posição que o sujeito ocupa no discurso dentro das filiações sociais, sendo constituída a partir da relação com a exterioridade (social, histórica e ideológica), o que é determinante da constituição de seu dizer (Orlandi, 2017). Em outras palavras, trata-se de uma função social que o sujeito ocupa, a qual converge sentidos e pode estar atrelada a diversas posições, como a de indígena, intelectual, ambientalista etc. Assim, a função de autor é responsável por formular e constituir os enunciados (Pêcheux, 2014).

Dentre as condições que produzem esse discurso analisado (Orlandi, 2012), devemos destacar as inúmeras crises sociometabólicas do sistema capitalista, responsáveis por reproduzir desigualdades sociais em escalas alarmantes e presentes em distintas espacialidades geográficas (Mészáros, 2020), bem como o funcionamento das dominações coloniais, que resolvem e constituem nossas relações no tempo presente, como o racismo e a intolerância (Wallerstein, 1999; Quijano, 2009; Santos, 2009; Fanon, 2022). Ademais, temos assistido à efervescência de autorias indígenas, que protagonizam inúmeras formas de resistência, marcando os debates sobre crises e suas releituras na história por meio de suas cosmovisões ancestrais (Oliveira e Santos, 2008; Krenak, 2020).

Essas condições de produção são as principais responsáveis por estabelecer as relações de força que operam no interior do discurso e mantêm, com a linguagem, uma relação necessária, influenciando, assim, o sentido no texto (Pêcheux, 2014). Dessa forma, observamos não apenas as circunstâncias de enunciação, mas também o contexto sócio-histórico e ideológico (Orlandi, 2012). Assim sendo, Krenak (2018) destaca que, especificamente no Brasil, já se perfazem mais de cinco séculos de extrativismo predatório, responsável pela miserabilidade humana e pela veiculação de epistemologias hegemônicas que buscam aniquilar pensamentos alternativos e destruir sujeitos e seus territórios. Trata-se de um projeto sistemático de saque ecológico, que opera na mentalidade dominante e justifica ilegítimamente os processos de degradação dos recursos naturais. Assim, as perspectivas indígenas e originárias são as responsáveis por reconhecer a Terra e seus recursos como propriedade coletiva, comum a todas as espécies e à vida, que, portanto, não deve ser





submetida à expropriação ecológica. Além disso, tais perspectivas concebem a Terra como sagrada e espiritual, transcendendo a visão reducionista que a considera apenas um recurso (Krenak, 2018).

Conforme destacam Marx e Engels (2019), é com base nas relações contraditórias que se estabelecem no social que podemos observar a produção da consciência humana, subordinada a mecanismos de reprodução sob os efeitos da dominação da classe burguesa. Assim, a classe dominante opera justamente na contradição dos processos que precisam ser apagados no plano da representação, reforçando a ideia de uma totalidade social hegemônica, em conflito com outras perspectivas ideológicas minorizadas e não hegemônicas (Marx e Engels, 2019).

A semantização dos tempos históricos refere-se aos processos pelos quais os seres humanos buscam atribuir sentidos, significados e valores aos tempos históricos, permitindo-nos ler as narrativas acerca do tempo e compreender como os acontecimentos interferem e moldam a visão e o imaginário dos sujeitos sobre o mundo e o devir histórico (Koselleck, 2021). Nesse contexto, podemos observar como o autor, a partir de suas filiações ancestrais e originárias, se expressa sobre sua compreensão dos tempos históricos. Desse modo, observemos o primeiro recorte:

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2020, p.16-17)

Para este autor, a discursividade da sustentabilidade refere-se a um importante mito mobilizado na tentativa de legitimar as violências e as usurpações resultantes das ações humanas em relação aos recursos naturais e da violação do território sagrado das comunidades tradicionais, neste caso, indígenas. Conforme Lemos (2010) aponta, o discurso da sustentabilidade, buscando falar por todas e para todas as pessoas, em seus efeitos, retroalimenta a continuidade da exploração do capital. Dessa maneira, a sustentabilidade só seria possível em um sistema econômico para além





do capital, permitindo um novo arranjo social mundializado, consciente e humanizador. Desse modo, o autor argumenta que, por muito tempo, os indivíduos foram envolvidos, embalados e afetados pela narrativa de que “somos humanidade”, alienando-os de suas preocupações com a Terra.

Essa alienação foi responsável, essencialmente, por produzir uma perspectiva na qual a humanidade se percebe como desassociada da constituição da natureza, como se a espécie humana e a Terra fossem entidades completamente distintas. Essa visão é corroborada pelos apontamentos de Gleiser (2024), que identifica como essa concepção trouxe ao nosso projeto de civilização lógicas nocivas à Terra e às demais espécies. Nesse sentido, a ideologia permite pensar o homem como um animal ideológico, ou seja, à parte de sua especificidade enquanto parte da natureza (Pêcheux, 2014). Para Krenak (2020), trata-se de um equívoco ontológico, visto que tudo constitui a natureza e tudo pertence ao Cosmo. Assim, as concepções sobre a humanidade não deveriam ser pensadas e ponderadas à parte da constituição da própria natureza.

Embora a espécie humana se manifeste por meio de suas múltiplas culturas estas não deveriam ser concebidas como elementos independentes e desassociados do mundo natural (Laraia, 2001). Afinal, para sua subsistência, essa conexão torna-se incontornável, sendo essencial para a existência da nossa espécie (Diegues, 2001). Entretanto, essa perspectiva separadora e excludente tem resultado, como temos observado, em inúmeras violências e destruições que afetam as ecologias dos ecossistemas e seus recursos. O que antes era sagrado tornou-se objeto de exploração, servindo a interesses econômicos e conduzindo-nos à amplificação da demanda de consumo e ao ideal de sucesso material (Gleiser, 2024).

Dessa forma, as atuais semânticas históricas ocidentalizadas, em uma de suas manifestações hegemônicas, têm se refletido na relação contraditória da humanidade com o ambiente (Keith, 1988). Observa-se um direcionamento crescente para a habitação em espaços artificialmente produzidos, frutos das grandes corporações, responsáveis por devorar e destruir florestas, montanhas, rios e toda a biodiversidade dos ecossistemas (Krenak, 2020).





Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a Terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. [...] A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (Krenak, 2020, p.21-23)

Com isso, o autor identifica que a percepção e os valores sociais articulados pelos sujeitos têm sido constituídos a partir desse distanciamento em relação ao organismo da Terra. A ideologia opera, nesse caso, como uma representação imaginária que subordina as forças materiais responsáveis por impulsionar os homens (Pêcheux, 2014). Dessa maneira, as filiações que se manifestam enquanto resistência advêm justamente das perspectivas periféricas que permeiam as bordas do planeta, longe dos grandes centros e polos responsáveis pelas decisões em escala global. Nesse caso, incluem-se os povos da África, Ásia e América, como caiçaras, indígenas, quilombolas, aborígenes etc., ou seja, sujeitos e corpos que, nos movimentos coloniais de poder, têm sido apontados e considerados como uma classe de sub-humanidade, muitas vezes vista como alheia ao progresso e ao desenvolvimento (Krenak, 2019; Kilomba, 2020).

Para Gleiser (2024), foi justamente essa busca incessante por bens materiais que levou ao assassinato do espírito que sustenta a natureza. Assim, por meio do transumano, dissemina-se uma perspectiva de mundo adoentada, que desvaloriza o planeta e as formas de vida que ele comporta, colocando o ser humano no topo de uma escala hierárquica.

Como denuncia Krenak (2020), do ponto de vista ideológico, as concepções que desenvolvemos sobre o humano, quando construídas à parte da Terra e de seus ecossistemas, resultam em uma abstração civilizatória absurda. Um de seus efeitos mais graves é a supressão das diversidades, que leva à negação das pluralidades das formas de vida, hábitos e culturas. Além disso, essa perspectiva impõe uma única lógica centralizada, manifesta nas culturas, línguas e costumes dominantes. Trata-se ainda dos efeitos do colonialismo, que não apenas extinguiu diversas formas de subjetividade, mas também hierarquizou e legitimou sua dominação sobre outros seres e





espécies. São essas mesmas lógicas que têm conduzido grande parte da humanidade a um verdadeiro declínio, acelerando a destruição do planeta Terra (Krenak, 2020).

Como destaca Orlandi (2011), são justamente os efeitos da sociedade da mercadoria, na qual o trabalho exerce um poder coercitivo, que moldam as relações sociais. Esse poder não decorre de sua natureza, mas das condições históricas em que é desenvolvido, afetando diretamente as relações e os sujeitos. É a partir dessas ambivalências que constituem nossa humanidade “moderna” que podemos ler e observar mais de perto a semantização desses tempos históricos (Koselleck, 2021). Dessa forma, para Krenak (2020), em sua posição de sujeito – que ocupa um lugar originário e ancestral na compreensão histórica da percepção do tempo –, destaca-se:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2020, p. 26-27)

Desse modo, as dinâmicas dos tempos históricos que temos experienciado têm operado essencialmente na possibilidade da produção de ausência nos sentidos da vida, da sociedade e da experiência. A partir dessa emergência da dissolução de valores, os movimentos de desrespeito e intolerância em relação à vida, ao mundo natural e às suas múltiplas manifestações são constantemente cerceados, apagados, violados e violentados, como destacam os trabalhos de Bauman (2004; 2007a, b; 2008). Dentro da perspectiva utilitarista, tudo se justifica, desde que os desejos sejam realizados. Quando essa lógica é aplicada ao mundo contemporâneo capitalista, são justamente os donos do capital que conseguem efetivar essa condição de existência humana, sobrepondo-se aos valores do diverso, do múltiplo e do diferente e, principalmente, da natureza, cuja voz não é reconhecida nem respeitada (Mészáros, 2020; Gleiser, 2024).





As formações ideológicas consistem nas atitudes e representações que materializam as posições de classe em conflito umas com as outras (Orlandi, 2012). Assim, encontram-se intrinsecamente entrelaçadas as posições sustentadas pelos sujeitos que as empregam, neste caso, em relação à formação ideológica que ocupam e às formações discursivas às quais se inscrevem (Pêcheux, 2014), traduzidos na ausência de sentidos e das práticas que produzem significado, como cantar, dançar e apreciar a natureza, tem resultado na constituição de uma humanidade automatizada e desumanizada, alheia à fruição da vida. Isso tem contribuído para a supressão de outras perspectivas de sonho e de horizontes em relação à espécie humana, suas culturas e sua relação harmoniosa com o mundo natural. Dessa maneira, Krenak identifica a necessidade de adiar o fim do mundo, possibilitando que outras histórias, outros sujeitos, outras dinâmicas e outras narrativas possam ser construídas na história. Afinal, a maneira como a sociedade hegemônica tem se constituído nos conduz, a passos largos, à autoaniquilação (Krenak, 2020).

Ademais, Krenak (2020) percebe que é justamente nas frestas e nas maneiras de resistir a essas imposições coloniais que as manifestações subjetivas, como dançar e viver — ou seja, nossa experiência artística e nosso encantamento com o mundo natural e suas múltiplas formas de manifestação — possuem essencialmente a possibilidade de suspender e ampliar os horizontes e, dessa forma, desviar o curso do fim trágico do mundo.

Nesse contexto, em que o mundo natural e o mundo humano são percebidos e tomados como meros recursos para a geração de riqueza sob a égide do capitalismo (Marques, 2023; Krenak, 2019; 2020; Gleiser, 2024), outras perspectivas ainda podem ser experienciadas na história, demonstrando que é possível uma convivência harmônica com as ecologias dos ecossistemas, como podemos observar:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (Krenak, 2020, p.40)





Desse modo, essa posição-sujeito, posta pelos Krenak em suas percepções acerca dos recursos naturais para além de perspectivas economicistas, ou seja, do emprego dos recursos com fins utilitaristas à espécie humana em detrimentos de outras dimensões (culturais, sociais, ambientais etc.), é completamente antagônica às suas cosmovisões. Dessa maneira, ao reconhecerem a natureza como possuidora de uma dimensão espiritual, acabam, portanto, não nos fornecendo o direito de expropriação, muito menos a possibilidade de tomá-los unicamente como recursos cujo fim não seja a manutenção das formas da vida nos ecossistemas.

Com isso, identificamos a presença de uma formação discursiva originária, a qual denuncia sua filiação a uma perspectiva de pertencimento e integração ao mundo natural, sem estabelecer hierarquias entre os elementos existentes. A formação discursiva consiste na representação da formação ideológica que domina o sujeito. Desse modo, a formação discursiva corresponde à matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode ou não pode dizer em uma determinada condição (Courtine, 2022). Ademais, percebemos que esses sujeitos têm estabelecido uma relação íntima com os recursos naturais, criando, assim, graus de filiação e parentesco. Isso define uma conduta e convoca valores de respeito e reconhecimento em manifestações ancestrais, expressando as suas manifestações socioculturais (Krenak, 2020).

Dessa forma, embora o recurso seja externo, ele se refere a uma construção e constituição do coletivo que habita uma determinada espacialidade geográfica (Haesbert, 2010) e deve ser pensado a partir de uma territorialidade que não resulte na degradação. Com isso, como os recursos disponíveis não são perenes aos desejos humanos, mas sim limitados e dispostos no mundo natural, a espécie humana, em suas próprias dinâmicas migratórias, territoriais etc. (Haesbert, 2004; Santos, 2023), assim como outras espécies, e as injunções do Estado, enquanto instituição maior, estabelecem relações de contato que podem oferecer alternativas e contrapor as tendências responsáveis por legitimar violências, como observamos nas perspectivas da história das dominações coloniais (Furtado, 1974; 2003; Fausto, 2006).

Isso, agrava-se, na medida em que a espécie humana, privilegiada por atribuir sentidos semânticos ao mundo natural, despersonaliza seus elementos — como rios, montanhas, animais etc. — e reduz seus possíveis significados à sua mera existência, acabamos por convertê-los em





meros objetos de extrativismo industrial. Dessa forma, nos divorciamos de sua essência, dessacralizando-os e objetificando-os, o que, por sua vez, gera novas dinâmicas nos tempos históricos (Krenak, 2020), aos quais precisam ser lidos criticamente e capazes de afetar positivamente as ações humanas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo ler a posição-sujeito indígena em relação às semantizações dos tempos históricos, a partir da obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak, com base nas representações das relações socioambientais, permitindo-nos observar a estrutura e o funcionamento das filiações e leituras produzidas pelo autor das relações homem-ambiente.

Desse modo, observamos o estabelecimento de uma crítica sensível às perspectivas de sustentabilidade, cujas discursividades visam legitimar a apropriação dos recursos naturais e a expropriação de vidas e espécies, na percepção de uma humanidade responsável por reduzir a Terra ao *status* de mercadoria e enquanto entidade desconexa da espécie humana. Com isso, a contraposição da perspectiva indígena, representada pelo autor em suas filiações ideológicas, orienta-se na direção de uma percepção de intimidade com o mundo natural, ressaltando a necessidade constante de resgate para a promoção de relações verdadeiramente sustentáveis e ecológicas.

Assim, foi possível identificar a percepção de valores sociais que se articulam a partir desse distanciamento do organismo da Terra, divorciando o status de existência da espécie humana do mundo natural. Esse afastamento é representado na semantização dos tempos históricos, os quais são capazes de produzir e retroalimentar a ausência de sentido na vida, na sociedade, na experiência humana, nos animais e nos recursos naturais quando tomados pelos efeitos radicais do capital. Esses elementos são constantemente apagados, violentados e violados sob uma perspectiva utilitarista, voltada para a satisfação dos desejos humanos, insaciáveis dentro das lógicas do sistema capitalista.

Nesse cenário, a posição-sujeito identificada no autor manifesta uma perspectiva indígena ancestral e originária, que percebe os elementos naturais dentro das dinâmicas de formação de seus graus e linhas de parentesco. Dessa forma, tais elementos não podem ser reduzidos ao uso e à





expropriação enquanto mercadoria nas lógicas do capitalismo, sendo seu uso relegado à subsistência humana, das demais espécies e à própria existência, enquanto elementos possuidores de entidade e animação.

Com isso, evidencia-se a pertinência da produção e da autoria a partir de perspectivas que divergem do modo de produção do sistema capitalista, como as perspectivas originárias e ancestrais, capazes de nos permitir releituras e sentidos alternativos para a experiência histórica dos sujeitos no tempo e no espaço. Isso se coloca como uma resposta ao niilismo gerado pelo capitalismo industrial, globalizado e de extrativismo predatório.

Ademais, destaca-se a importância da confluência entre os estudos discursivos e os trabalhos literários, permitindo-nos perceber como essas filiações e formações ideológicas e discursivas se materializam, possibilitando a historicização e a observação dos aspectos concernentes às dinâmicas humanas com base no artefato literário. Em suas distintas potencialidades, a literatura se apresenta como um campo privilegiado para a manifestação das relações ideológicas e sociais na constituição da experiência material humana.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. EdUFSCar, 2022.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Ed. Hucitec. 2001.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. **Pensamento indígena brasileiro como crítica da modernidade: sobre uma expressão de Ailton Krenak**. Griot: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 74–104, 2019. DOI: 10.31977/grifi.v19i3.1277. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/1277>. Acesso em: 16 jan. 2025. <https://doi.org/10.31977/grifi.v19i3.1277>.





DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano**. Espaço Ameríndio, v. 12, n. 2, p. 252-252, 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Literatura: forma e efeitos de sentido. Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Paulo: Claraluz, p. 229-238, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 17-34, jan./jun. 2010.

FONTES, Roberta Brangioni; DE PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha. **Entre mundos: a colonialidade no rompimento da barragem de fundão em Mariana/MG. Sentidos e percepções dos Krenak**. Percursos, v. 22, n. 48, p. 233-260, 2021.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, C. **Raízes do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

GADET, Françoise; HAK, Tony; MARIANI, Bethania S. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

GAMA-KHALIL, M. M. **Análise do discurso e literatura: diálogos plausíveis**. Gláuks - Revista de Letras e Artes, [S. l.], v. 22, n. 01, p. 26–43, 2022. DOI: 10.47677/gluks.v22i01.297. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/297>. Acesso em: 16 jan. 2025.

GAMA-KHALIL, M. M. **Análise do discurso e literatura: diálogos plausíveis**. Gláuks - Revista De Letras E Artes, v. 22, n. 01, p. 26–43, 2022. <https://doi.org/10.47677/gluks.v22i01.297>.

GLEISER, Marcelo. **Despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.





GUIMARAES, Pedro Henrique Corrêa. **A escritura do espaçamento: Apontamentos entre Direito e Literatura Indígena**. In: Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, 2021.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. RJ: Universidade Federal Fluminense, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Porto Alegre**, p. 16, 2004.

HENRY, Paul. **Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux**. Tradução de Betânia S. Mariani. In: GADET, Françoise; HAK, Tony; MARIANI, Betânia S. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 11-38.

HORST, Scheyla Joanne. Adiando o fim do mundo: Reflexão e argumentação em uma sequência didática sobre as ideias de Ailton Krenak. **Uniletras**, v. 45, p. 1-13, 2023.

KEITH, Thomas. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Editorial Schawarcz. 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KOSELLECK, Reinhart; MASS, Wilma Patrícia; PEREIRA, Carlos Almeida. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Contraponto Editora, 2021.

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 3, n. 2, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v3i2.10225>

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Taurus, 2024.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Editora Vozes, 2019.





MOREIRA, Luciano Accioly Lemos. **A (In)sustentabilidade do discurso do desenvolvimento sustentável**. 2010. 164 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6421>>. Acesso em: 9 fev. 2025.

OLIVA, A.; DA CONCEIÇÃO, M. T. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 12, n. 25, 2023. DOI: 10.20949/rhhj.v12i25.1080. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/1080>. Acesso em: 25 jan. 2025.

OLIVEIRA, Assis da Costa; LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 233p., 2006.

ORTEGA, Anna. **Ailton Krenak: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”**. Jornal da Universidade, 12 nov. 2020, ed. 34, 2020.

ORLANDI, E. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. de LP; RODRIGUES, Suzy Lagazzi (Org.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**, v. III. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A casa e a rua: uma relação política e social**. Educação e Realidade, v. 36, n. 03, p. 693-703, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2015.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina S.A.**, 2009, p. 23-72.





REIS, Diego dos Santos. **Educação e ancestralidade em contratempo: nos rastros de Ailton Krenak**. 2023.

REIS, Jessica Rabelo. Reflexões sobre o papel social do autor indígena, seu corpo e sua comunidade.

**Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 8, n. 24, p. 01–14, 20 Jun. 2024. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/afluente/article/view/22507>. Acesso em: 16 jan. 2025.

RIGAL, Luis. A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNÓN, Francisco (org.). **Educação para o Século XXI: desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 171-194.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Outros modos de pensar e sonhar: a experiência onírica em Reinhart Koselleck, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. **Revista de Teoria da História**, v. 23, n. 1, p. 152-177; 178-203, 2020.

ROSA, Daniela Botti da. **Sobre o processo de interpelação da criança e o discurso da literatura infantil: análise do conto “O patinho feio”**. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. **Coimbra: Edições Almedina S. A.**, 2009. p. 73-118.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Record, 2023.

WALLERSTEIN, Imanuel. **Análise dos sistemas mundiais**. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 447-470.

WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de) colonialidad? Gritos, grietas y sembras desde Abya Yala. Conferência Magistral. **IX Congresso Brasileiro de Hispanistas**, UNILA-UNIOESTE, Paraná: Foz do Iguaçu, 22 a 25 de agosto de 2016.





NASCIMENTO, A. M. S.; SANTOS, C. A. B.

Epistemologias Insurgentes e Autorias Indígenas: Uma Análise das Relações Socioambientais na Obra “Ideias Para Adiar O Fim Do Mundo” De Ailton Krenak

| Artigo

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re) existir e (re)vivir.** Editora Abya-Yala: Equador, 2017. (Serie Pensamiento Decolonial). Tomo I.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007a.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007b.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.



## SOBRE A AUTORIA

### Ayrton Matheus da Silva NASCIMENTO

É professor de História, Geografia e Redação da Educação Básica na rede municipal de Ensino no Estado da Bahia. Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (UNEB). Graduação em História (UFAL/2020); Especialização em História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira e Ensino de Geografia, Meio Ambiente e História (FI, Iguazu/2024); Mestrado em História (UFS/2022). Tem experiência em Historiografia, História do Brasil República, História do Tempo Presente, Historiografia Afro-brasileira e Indígena e dos Estudos Linguísticos-Discursivos (Análise de Discurso). Nas suas pesquisas destaca-se o interesse particular pelo funcionamento dos respectivos discursos: Político, Religioso/Teológico, Artístico, Pedagógico (Ensino e Aprendizagem em História, discurso de e sobre os Povos Indígenas do/no Brasil, etc.) e institucional (Lugares/Instituições de Memória), aplicados à compreensão dos fenômenos que constituem a experiência histórica dos Homens no tempo e no espaço.

### Carlos Alberto Batista dos SANTOS





NASCIMENTO, A. M. S.; SANTOS, C. A. B.

Epistemologias Insurgentes e Autorias Indígenas: Uma Análise das Relações Socioambientais na Obra “Ideias Para Adiar O Fim Do Mundo” De Ailton Krenak  
| Artigo

Biólogo/Etnobiólogo, Mestre em Zoologia (UESC), Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE). Atua na área de Zoologia, Conservação da Biodiversidade, Etnozoologia e Etnoecologia. Professor da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa em Etnobiologia e Conservação dos Recursos Naturais (UNEB). Pesquisador do OPARÁ: Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação (UNEB).

*Submissão: 02 de ago. de 2015*

*Avaliações concluídas: 07 de nov. de 2025*

*Aprovação: 28 de nov. de 2025*

## COMO CITAR ESTE ARTIGO?

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **Epistemologias Insurgentes e Autorias Indígenas: Uma análise das relações socioambientais na obra “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak.** Revista **Temporis(ação)**: periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. **V. 25, N. 2**, p. 01-20, **jul. / dez., 2025**. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >